



Nesta edição:

Espírito de Natal	1
Entrevista com o Presidente da AEEDIS	2
Opinião	3
Entrevista ao Poeta Alberto Caeiro	4
Visita de Estudo a Lisboa – Alunos do 6º Ano	5
Dia das Bibliotecas Dar voz à crítica	6
Espaço da palavra Festa de Natal	7
Dr.ª Isabelinha Culinária	8

Escola EB.2,3/S

Dr. Isidoro de Sousa

Viana do Alentejo

Estrada da Quinta

de Santa Maria

7090 Viana do Alentejo

Tel.: +351 266 930 071

Publicação da responsabilidade da Professora Gertrudes Pinto, com a colaboração da Professora Dora Gago e produção gráfica do Professor Francisco Fadista

Tiragem: 120 exemplares

ESPÍRITO DE NATAL

O Natal está à porta e bem cedo começamos a pensar nas prendas e nos manjares que nos esperam naqueles dias de festa.



É frequente, também, pensar que nesta época devemos ser mais generosos, mais atentos e solidários para com os que nos rodeiam e para com os que mais precisam. Organizam-se “cabazes de Natal”,

compra-se uma “prendinha” para alguém que necessita, cumprimenta-se o vizinho, a quem normalmente não falamos...

Já dizia o poeta, contrariando esta tendência sazonal, que “o Natal é quando um homem quiser”, lembrando com isto que a generosidade humana, a atenção e o espírito de solidariedade devem exprimir-se sempre, não sendo condicionados por épocas especiais ou particularmente tocantes. Seja como for, é no Natal que pensamos mais na miséria e no sofrimento dos que vivem abandonados à sua solidão ou ao castigo dos outros.

Falamos de guerra, de fome, de dor, de morte e, por vezes, sentimos a consciência espicaçada (quando geralmente está adormecida) e a vontade de fazer alguma coisa de bem. Sabemos também que o alcance da nossa acção solidária não chega aos países em guerra e dificilmente remediará os que morrem de fome. Contudo, se esta época nos leva a sorrir para os outros, a ser mais compreensivos para alguns, a perdoar quem nos maltrata, a falar dos dramas da humanidade e a alertar as consciências menos atentas, então que viva o espírito de Natal e que ele nos invada a todos!

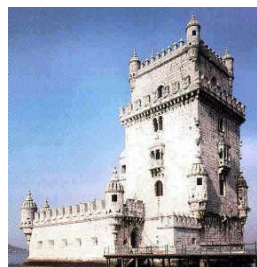
Gertrudes Pinto,
professora

Entrevista com o Presidente da Associação de Estudantes, Luís Duarte



página 2

Visita de Estudo a Lisboa



página 5

Dia das Bibliotecas Escolares



página 6

Entrevista com o Presidente da Associação de Estudantes (AEEDIS) - Luís Duarte

Notícias da Escola - Que explicação tens para que este ano tenha havido uma campanha eleitoral tão disputada (três listas) para a Associação de Estudantes?

Luís Duarte – Na minha opinião, este ano, houve muitas listas porque os alunos estavam fartos de não se ter feito nada nos anos anteriores e queriam fazer alguma coisa para mudar isso. Então, formaram-se muitas listas porque havia gente com ideias, que queriam pôr em prática, como tal, foram à luta para dinamizar a AE.

NE - A tua lista venceu com uma margem muito confortável relativamente às outras. A que se deveu esse sucesso?

LD – Bom, em primeiro lugar, deveu-se aos eleitores (brincadeira) e em segundo, à excelente campanha que realizá-



mos, já que foi uma campanha previamente programada: tínhamos sempre qualquer coisa nova a cada dia; nada foi dado aos elei-

tores ao acaso, foi uma campanha bem pensada e estudada. No início, utilizámos cartazes e folhetos, depois, apostámos nas Playstations para os alunos se divertirem e não pensarem nas aulas e ao mesmo tempo ganhar votos. Depois inovámos, distribuindo autocolantes, algo nunca visto na nossa escola, os quais tiveram uma aceitação muito positiva por parte dos alunos.

NE - Do programa eleitoral que a lista X apresentou, que pontos gostarias de destacar e porquê?

LD – Temos algumas ideias mais engraçadas, isso também depende do gosto das pessoas, mas, para mim, a mais gira deve ser a eleição da “Miss” e do “Mister Escola” 2006/2007, que eu espero que tenha muitos participantes, porque será uma actividade nova e esse casal ficará na história da nossa escola, pelo menos durante um ano. Também será interessante o “Arraial do Final do Ano”, com o “Baile de Finalistas” incluído, porque acho bom uma festa para assinalar o fim do ano lectivo, para todos conviverem e se despedirem, aproveitando tam-



bém a despedida dos finalistas que se vão embora e não vão voltar.

NE - Como estudantes do secundário, tu e os teus companheiros de lista, terão disponibilidade para levar a cabo todas as actividades anunciadas no vosso programa? Como o conseguirão fazer?

LD – Quando elaborámos a nossa proposta, nós tínhamos muitas ideias, mas não as expusemos todas, preferindo fazer uma proposta curta, que tivesse ao nosso alcance, ao contrário de outras listas, que apresentaram propostas muito extensas, quase impossíveis de realizar. Sabemos que, mesmo assim, vai ser difícil, porque não temos muita disponibilidade. No entanto, vamos tentar dar o nosso melhor para cumprir todas

«Peço que participem nas actividades e se associem, porque a Associação de Estudantes, sem estudantes associados, é difícil de ser levada para a frente.»

as propostas. Vamos fazer a maior parte do planeamento de cada período nas férias e nas tardes livres; nalgumas actividades temos a parceria do grupo de Educação Física, o que é uma boa ajuda. Resumindo, vamos fazer todos os esforços para realizar as

actividades a que nos propusemos.

NE - Como presidente da AEEDIS, que mensagem gostarias de deixar aos alunos da nossa escola?

LD - Bem, eu gostaria de agradecer a todos os que votaram em nós, na lista X, e agradecer a oportunidade que nos foi dada. Peço que participem nas actividades e se associem, porque a AE, sem estudantes associados, é difícil de



ser levada para a frente. E mais uma vez obrigado, vocês já cumpriram a vossa tarefa, que era votar em nós; nós agora vamos tentar fazer a nossa, que é cumprir com o programa eleitoral.

OPINIÃO

O impacto da guerra na sociedade

A guerra altera o quotidiano das pessoas directa e indirectamente. A sua influência não se processa apenas enquanto esta decorre, quando priva as pessoas do seu dia-a-dia normal, mas também após terminar, pela destruição e marcas psicológicas que deixa.

A política, o poder e os interesses económicos e religiosos são os grandes causadores da guerra, ainda que o ambiente de violência em que um povo vive possa contribuir para essa situação. As crianças que crescem em tais ambientes desenvolvem uma per-

sonalidade propícia a futuros conflitos. O cenário de guerra modifica o quotidiano dos cidadãos. É impossível imaginar uma rotina diária que implica a ida para o emprego ou para a escola, quando a própria sobrevivência está em causa. Os projectos futuros ficam limitados e perdem significado, pois viver mais um dia torna-se o único objectivo. O nível de violência a que as pessoas assistem gera inseguranças que fazem esquecer qualquer ambição. Deste modo, o quotidiano é gerido pelo espírito de sobrevivência.

A ideia mais comum é que o quoti-



diano regressa à normalidade após o desfecho do conflito, mas tal não é verdade. Não podemos esquecer as marcas psicológicas que perduram e as consequências ao nível socio-económico que irão manter-se por muitos anos.

Em suma, as consequências da guerra são maioritariamente a longo prazo, estando muito para além do conflito em si. A estabilidade pessoal e social demora muito até ser novamente alcançada.

Cristina Magro, 12º A



Entrevista ao Poeta Alberto Caeiro

Desta vez a nossa entrevista entrou no domínio da ficção. É uma entrevista imaginada, feita a um poeta que só existiu na mente de Fernando Pessoa.

Nesta edição, vamos entrevistar o grande poeta Alberto Caeiro.

Alberto Caeiro nasceu em 1889 e vive numa quinta perto do Ribatejo, onde escreve quase todos os seus poemas.

Jornalistas – Alberto Caeiro apresenta-se como um “guardador de rebanhos”. O que pretende dizer com isto?



A. Caeiro – A razão explica-se pelo simples facto, de ver a realidade de uma forma natural e objectiva a

todo o momento.

Jornalistas – É uma referência constante nas suas obras o vento, o sol, os rebanhos, a chuva, as nuvens... Como justifica estas referências?

A. Caeiro – Estas referências mostram a relação entre o “eu”, enquanto sujeito poético, e a natureza. Defendo a filosofia panteísta, em que o “eu” é mais um elemento do mundo real que me envolve. Sou um ser em perfeita harmonia com a natureza.

Jornalistas – Já que nos seus poemas são abundantes as sensações (visuais, auditivas...), considera-se “um poeta das sensações”?

A. Caeiro – Sim, só me interessa viver o mundo que capto pelas sensações. No meu entender, o sentido oculto das coisas fica reduzido à própria percepção que temos dessas coisas. Para mim, o mundo é visto sem necessidades de explicações, apenas é sentido.

Jornalistas – Justifique essa recusa pelas explicações do mundo.

A. Caeiro – Bem... Para mim, o pensar não é compreender, pelo que o homem tem que aprender a não pensar para se libertar de todos os modelos e poder ver a realidade tal como ela é. O pensamento deturpa as coisas que existem, pelo que estas só podem ser apreendidas pelos sentidos e não pelos pensamentos. Daí que me chamem, tal como me chamou, o “poeta das sensações”.

Jornalistas – Como se define em termos estilísticos e linguísticos?

A. Caeiro – Utilizo uma linguagem simples, um vocabulário objectivo, quase não utilizo adjetivos e utilizo as formas verbais, preferencialmente no presente do indicativo.



Jornalistas – Com 24 anos de idade, pensa ainda em escrever muitos poemas?

A. Caeiro – Sim, se não tiver nenhum acidente de percurso, irei escrever muitos poemas.

Foi com enorme gosto que entrevistámos este grande senhor. Ficam aqui os nossos agradecimentos.

Jornalistas: Joana Fialho
e Cármen Serafim,

alunas do 12°C

Visita de Estudo a Lisboa

Mosteiro dos Jerónimos, Museu da Marinha e Torre de Belém

Alunos do 6º Ano

No dia 25 de Outubro de 2006, as turmas dos 6ºs anos deslocaram-se a Lisboa. A visita de estudo intitulada Lisboa dos Descobri-



mentos, foi organizada pelos professores de História e Geografia de Portugal dos 6ºs anos.

Partimos pelas 8h30m conforme previsto. A hostilidade da chuva dessa manhã não diminuiu o ânimo e a curiosidade que levávamos.

O nosso motorista, experiente naquela rota, depressa chegou à zona da sublime obra arquitectónica do Mosteiro dos Jerónimos, meia volta e já estávamos à porta do Museu

da Marinha. Foram distribuídos os guiões com tarefas que os alunos

tinham de realizar durante a nossa permanência no museu.

Entrámos numa sala, lá de lá pelas está-

tuas dos nossos navegadores. Sucederam-se umas quantas salas, cada uma com seu tema, todos relacionados com a evolução da Arte de Navegar. A visita finalizou com a passagem pelo Pavilhão das Galeotas, construí-



das para a família real. Aqui também estão em exibição três hidroaviões, entre eles o Santa Cruz.

Mosteiro dos Jerónimos: monumento pérola da Arte manuelina.

almoço, tudo a postos para visitar o monumento pérola da Arte

manuelina: o Mosteiro dos Jerónimos. Através das nossas guias ficámos a saber o historial do con-

Torre de Belém: importante na defesa do Porto de Lisboa nos séculos XVII e XVIII.

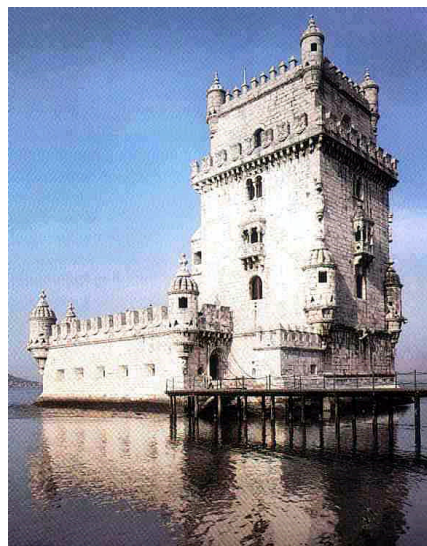
vento, passeámos

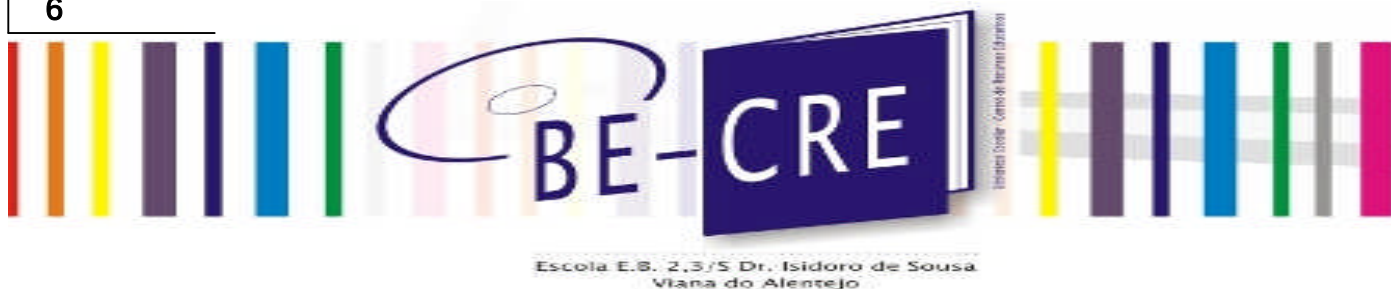
pelos claustros e muita coisa nos foi dita sobre a sua construção. Na sala do capítulo fizemos jogos didácticos.

Realizámos também actividades didácticas na Torre de Belém, Torre muito importante na defesa do Porto de Lisboa nos séculos XVII e XVIII.

Todos os alunos participaram nestas actividades com interesse. A malta gostou e portou-se à maneira.

Antónia Albardeiro,
professora





Dia das Bibliotecas Escolares - 27 de Outubro

Sessão de poesia com a poetisa Maria Sarmento e entrega do prémio ao vencedor do passatempo “Quem é o culpado?”, realizado no passado ano lectivo.



De manhã, e com a presença da poetisa Maria Sarmento, realizou-se uma sessão de poesia, em que a poetisa tomou a palavra e vários dos seus poemas foram lidos pela própria e pelas professoras Dora Gago e Dulce André. Foi entregue o prémio ao João Figueiredo, do 9º ano, por ter sido o vencedor do passatempo “Quem é o culpado?”, realizado no ano lectivo passado.



Diaporama “Leitura e Imaginação” e livro de poesia “O som das Imagens”

À tarde, foram apresentados aos alunos do 6º ano um diaporama e um livro de poemas, elaborados há dois anos atrás, também por uma turma do 6º ano, no âmbito de uma proposta feita pela equipa da BE/CRE, denominada “Leitura e Imagi-

nação”. Esta actividade, apresentada pela Ana Duarte e pelo Bernardo, teve como objectivo incentivar à leitura e à escrita, mas também mostrar que a Biblioteca é um espaço dinâmico e enriquecedor, à disposição de todos nós.



DAR VOZ À CRÍTICA

Refeitório ou ringue de boxe ??

Com muita tristeza da nossa parte, verificámos que à hora do almoço o refeitório da nossa escola se transforma num autêntico ringue de boxe. Empurrões, gritos, pontapés, murros... vale tudo para se ser o primeiro a almoçar.

Compreendemos que os alunos mais

novos, das escolas primárias e do 5º ano, tenham prioridade em relação aos outros alunos. No entanto, consideramos uma falta de civismo o facto de os alunos mais velhos não darem o exemplo aos mais novos. Estes alunos mais velhos, que já conhecem a escola e as suas regras, deviam ter o cuidado de dar o exemplo, esperando pela sua vez de almoçar. Acrescentamos ainda o facto de o responsável pelo refeitório permitir que estas demonstrações de falta de civismo aconteçam. Salientamos

que, nestas alturas, é impossível transpor as portas que separam o refeitório do polivalente. Nem professores, nem funcionários. É impossível passar.

Esperamos que, alertados para esta situação, os alunos reajam e mostrem que afinal não são tão pouco civilizados como às vezes deixam transparecer.

*Teresa Vilela, aluna do 11º ano
Francisca Cabedo, aluna do 9º ano*

O espaço da palavra

Era uma vez uma menina muito pobre que vivia com a mãe. Uma vez, foi ao sótão, encontrou um fósforo numa caixa e disse:

- Gostava tanto de ter uma boneca para brincar!

O fósforo começou a brilhar e apareceu uma boneca.

A menina foi logo contar à mãe que tinha um fósforo mágico, mas ela não acreditou e disse-lhe:

- Se o fósforo é mágico, eu vou pedir-lhe um desejo. Quero loiça nova.

Logo apareceu muita loiça nova

e a mãe disse:

- Tinhas razão, o fósforo é mesmo mágico. Agora, quando precisarmos de alguma coisa pedimos-lhe.

Já de noite, a menina e a mãe adormeceram e o fósforo foi-se esconder debaixo da almofada da menina. De repente, ouviu-se um estrondo. Foi um ladrão que entrou no quarto da mãe e pediu-lhe muito dinheiro. A menina ouviu tudo e chamou o fósforo para lhe pedir que salvasse a mãe. O fósforo fez aparecerem muitos polí-



cias que prenderam logo o ladrão.

A mãe e a menina disseram uma para a outra:

- Não é preciso preocuparmo-nos porque sabemos que vamos sempre ter a ajuda do fósforo mágico, nosso grande amigo, daqui em diante.

Tiago Feles e Rui Falé,
alunos do 7º A



O Natal na literatura

– exposição elaborada pela equipa da BE-CRE

A época natalícia, conotada com a ideia de luz, de paz e partilha, reveste-se de notória importância religiosa, espiritual e social, tendo sido uma temática tratada pela literatura, de forma abundante, ao longo do tempo. Com o objectivo de divulgar alguns dos escritores, livros e obras que a abordaram, a BE-CRE da Escola EB 2,3/ S. Dr. Isidoro de Sousa vai realizar, entre 5 de Dezembro e 6 de Janeiro, no polivalente da escola, uma exposição de cartazes com poemas, excertos de contos subordinados ao tema «o Natal» e biografias dos respectivos autores. De entre os seleccionados encontram-se: Gil Vicente, Eça de Queirós, Miguel Torga, Natália Correia, António Gedeão, Fernando Pessoa, Vitorino Nemé-

sio e David Mourão-Ferreira, entre outros. Além disso, serão igualmente expostos livros alusivos a essa temática, como é o caso de *A noite de Natal* de Sophia de Mello Breyner, ou *Uma aventura nas férias do Natal* de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada.

O critério que presidiu à selecção dos textos e autores foi o de mostrar também o modo como muitos dos escritores trabalhados nos programas de Português sentiram e vivenciaram esta época, deixando transparecer elementos culturais característicos das suas regiões de origem. Nesta sequência, se Miguel Torga nos revela o natal transmontano, Vitorino Nemésio mostra-nos o dos Açores, por exemplo. Assim, este poderá ser um modo de evidenciar

a dimensão mais humana de autores estudados nas aulas, susceptível de conduzir a uma empatia e identificação com certo tipo de sentimentos que, de certo modo, todos partilhamos na quadra natalícia. Além disso, pretende-se igualmente motivar para a leitura, quer das obras apresentadas, quer de outras. Por fim, resta-nos desejar, através dos versos de David Mourão-Ferreira, que:

«Procuremos o rastro de uma casa, (...)

Entremos, despojados mas entremos.

Das mãos dadas talvez o fogo nasça,

talvez seja Natal e não Dezembro,

talvez universal a consoada.» (1)

(1) David Mourão-Ferreira,
«Cancioneiro de Natal»,
in *Antologia Poética*, p. 135.

CORREIO DA DR^a. ISABELINHA



Estranha forma de amar I

Conheço um rapaz maravilhoso que nunca vi, nem ouvi. O que conheço dele são apenas as palavras doces e sinceras com que me fala do seu amor, através do "chat". Também eu estou loucamente apaixonada por ele: não só é amoroso, como é lindo, pois diz ser louro, de olhos verdes, além de ser super inteligente, visto que já anda na Universidade. Pedi-lhe que se encontrasse comigo mas ele confessa-se nervoso e pediu-me que adiasse o encontro. Estou tão ansiosa por conhecer o rapaz dos meus sonhos que não sei o que fazer. Preciso dos seus conselhos!

Perdida de paixão

Se pretendes esperar por um doce e romântico encontro, é melhor esperares sentada. Oh minha querida, então não vês que o teu príncipe perfeito não existe? Todos os dias trocas lindas palavras de amor com um impostor da pior espécie, porque é tão perfeito, tão perfeito, que só pode ser horrível. "A ilusão é grande inimiga da razão", e no teu caso a primeira destruiu completamente a segunda, fazendo-te agir como uma parva. Abre os olhos, cria juízo e apaixonar-te por alguém que tenha rosto.

Dra. Isabelinha

Estranha forma de amar II

Namoro com uma rapariga de que gosto muito e que diz gostar muito de mim também. O problema é que ela parece não gostar de estar sozinha comigo, pois quando estamos só os dois, fica enfadada e por vezes amua sem que eu perceba porquê. Quando estamos com o nosso grupo de amigos, parece outra pessoa: diverte-se, brinca e está sempre bem disposta e feliz, ignorando-me completamente. Sofro muito com esta atitude e não sei o que fazer para mudar as coisas. Chego a duvidar do seu amor por mim. Aconselhe-me por favor!

Apaixonado perdido

Diz o ditado: "o pior cego é aquele que não quer ver", aplicando-se que nem uma luva ao teu caso, meu rapaz. Antes do conselho, precisas da verdade: ela não te ama, provavelmente nunca te amou e ainda por cima anda a gozar contigo e, mais grave ainda, parece que tu não dás por nada. Acorda rapaz, espernica-te, se for preciso, mas não fiques especado à espera que ela se transforme numa doce e dedicada namorada. Troca-a por outra e passa à frente.

Dra. Isabelinha

CULINÁRIA – RECEITA DE NATAL – Doce de abóbora e requeijão

Ingredientes:

3 kg de abóbora-menina

650 g de açúcar

2 paus de canela

6 requeijões

50 g de amêndoa pelada



Modo de preparar:

Retire a casca e as pevides e corte a abóbora em bocadinhos. Coloque-a um tacho e junte o açúcar e os paus de canela. Deixe cozer suavemente. Retire do lume e deixe arrefecer. Entretanto, esmague os requeijões de modo a obter uma pasta lisa. Junte-lhe as amêndoas, cortadas em lâminas finas e torradas. Divida este preparado em 12 porções e, uma a uma, coloque num guardanapo para moldar em bola. Deite o doce de abóbora em taças e, em cada uma delas, coloque por cima e ao centro, uma bola de requeijão. Enfeite a gosto.